

Rubem Braga

CONVERSA SOBRE CAJUEIROS

A Embaixada do Senegal em Rabat manda-me alguns exemplares de "Senegal-Documents" — uns folhetos com discursos oficiais e outras coisas que a gente logo tem vontade de não ler. Mas havia em um deles um artigo sobre "Les Plantations de Darcassou". Tive a curiosidade de ver que planta era essa, e eis que era o *Anacardium Occidentale*, também conhecido como **Pomme-cajou**, ou, para encurtar conversa, o nosso bom caju.

Ali se explica que a árvore é originária do Brasil, mas que há muito tempo foi levada pelos navegadores lusitanos a muitos outros países tropicais, onde se tornou subspontânea. No meio de suas guerras e tormentas, aqueles nossos bons avós sempre levavam em suas naus e caravelas suas mudinhas e sementes, e em troca do caju nos deram mil coisas, como o coqueiro da Bahia e a manga, para citar duas hoje "bem brasileiras".

Plantação de caju é coisa de que nunca ouvi falar no Brasil. Sei que antigamente os índios do Nordeste tinham suas "guerras de caju", do tempo da colheita, quando tribos do interior vinham para o litoral disputar a fruta. Mas nestes últimos tempos, nós, os brasileiros, temos feito é a "guerra ao caju", e o cientista Nélson Chaves calcula em muitos milhões o número de cajueiros destruídos só em Pernambuco.

Pois, meus filhos, no Senegal isso se planta. A fruta (técnicamente aquilo não é fruto, dizem os botânicos; não é fruto, mas é fruta, digo eu, seguindo a lição do povo) é vendida no mercado e não aproveitada industrialmente como no Ceará; o que interessa mais aos senegaleses é a castanha, que nós também usamos e que eles exportam.

O folheto conta que os Estados Unidos importam anualmente 27.000 toneladas de castanhas descascadas, no valor de quase 25 milhões de dólares. E quem lhes vendê 80 por cento disso é a Índia; não que seja grande produtora, mas porque beneficia as castanhas importadas de Angola, de Moçambique, da África Oriental Inglesa, das Filipinas e até (o folheto é que diz, não acredito) do Haiti e do Brasil. Não, não tenho aqui à mão nenhuma estatística do comércio exterior do Brasil, pois os diabos dos meus livros ainda não chegaram; mas acho forte. Um Sr. R. Henry, do Senegal, inventou um aparelho artesanal para descascar a castanha, coisa que na Índia se faz a mão, de maneira que uma firma de Dakar quer fazer a exportação da castanha já torradinha e também aproveitar a resina da casca (em francês está **baume**, bálsamo, não sei como se usa dizer em português), que serve para fazer plásticos, óleos secativos, cimentos especiais etc., e é usada em freios de avião, isolantes elétricos, proteção de metais, rolos de máquinas de escrever e muitas outras coisas. Isso é vendido nos Estados Unidos a meio dólar o quilo, mais ou menos, enquanto o caroço da castanha vale mais de um dólar o quilo. O plano senegalês é produzir a princípio mil toneladas de castanhas, o que dá para exportar 250 toneladas do caroço da castanha e 200 do tal bálsamo; dentro de alguns anos eles querem multiplicar isso por 8. O fato é que já plantaram mais de 2 milhões de cajueiros... mas que diabo, estou escrevendo para uma revista, não para um jornal, e sinto a leitora a bocejar de tédio diante de tantos números. Desculpe. Tome uma cajuada ou um sorvete de caju, e me desculpe, e até outro dia.

576-70-3-62